

# VII Simpósio Nacional de História Cultural HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES

Universidade de São Paulo - USP São Paulo - SP 10 e 14 de Novembro de 2014

# AS REPRESENTAÇÕES DO INTELECTUAL NO SÉCULO XX: UMA ANÁLISE DE "A VIDA DE GALILEU" DE BERTOLT BRECHT

Renato Florêncio Pavanelli Ortega\*

Esse trabalho procurará analisar a concepção de intelectual desenvolvida pelo dramaturgo alemão, Bertolt Brecht, na obra "A Vida de Galileu". Entretanto, é primordial que vasculhemos algumas outras perspectivas sobre o intelectual que se farão necessário para o próprio exame do texto dramático, pois, o debate histórico está posto, assim como a ideia de engajamento intelectual durante o século XX.

Impossível de se dissociar o trato da ideia de intelectual sem a perspectiva de Antonio Gramsci, faz-se necessário pensar a noção de intelectual orgânico e como ele é fundido a ideia de Jean-Paul Sartre. Sobre o viés de que todos os homens são intelectuais, contudo, nem todos atuam como um na sociedade, o italiano ampliará de forma genérica o conceito de intelectual. Tal percepção é apropriada para pensar de que forma a hegemonia social se desenvolve, principalmente na Itália da década de 1920 e 1930.

Diferente disso, Sartre, pensará que, ao invés de todos serem intelectuais, apenas aqueles, forjados da classe média e mantidos pelas classes dominantes, são potenciais intelectuais, visto que, a atividade intelectual não está apenas na capacidade de ter um intelecto, mas sim de intervir por meio da mensagem crítica a um público determinado.

<sup>\*</sup> Mestrando pela Universidade Federal de Uberlândia e graduando pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Entretanto, como o intelectual se localiza e age frente aos acontecimentos? Quais representações podemos retirar dos processos históricos no século XX? Para isso, duas concepções, de Sartre e Merleau-Ponty, serão analisadas, não só como exemplos, mas também como ferramentas para interpretar "A Vida de Galileu".

# UM DEBATE SOBRE O INTELECTUAL: UMA ANÁLISE DE "A VIDA DE GALILEU" E SUAS REPRESENTAÇÕES.

[...] direi que não chamamos de "intelectuais" os cientistas que trabalham na fissão do átomo para aperfeiçoar os engenhos da guerra atômica: são cientistas, eis tudo. Mas, se esses mesmos cientistas, assustados com a potência destrutiva das máquinas que permitem constituir, reunirem-se e assinarem um manifesto para advertir a opinião pública contra o uso da bomba atômica, transformam-se em intelectuais.

Jean-Paul Sartre.

O intelectual gramsciano, mais precisamente, o orgânico é sem dúvida o principal elemento para se pensar o intelectual burguês, que nas palavras de Jean-Paul Sartre será o "Homem-contradição". A contradição surge como recurso explicável para o homem que é de origem burguesa, porém, que toma consciência de seu papel social, hostiliza e nega a sua própria classe, pois desempenha na sociedade uma atividade conservadora e dominadora.

Então, o intelectual orgânico de Gramsci desempenha, na nova estrutura econômica, a função de desenvolvê-la, ou como explica Edward Said, os intelectuais estavam: "diretamente ligados a classes ou empresas, que os usavam para organizar interesses, conquistar mais poder, obter mais controle."

É importante observarmos que as empresas "usavam" os intelectuais, isto é, a empresa que na verdade representa o interesse de uma classe dirigente, que nas definições de Gramsci, não é um intelectual orgânico, mas, sim, um tradicional, pois, sobreviveu de uma antiga estrutura econômica e que permanece fazendo a mesma atividade, logo, utiliza de um técnico do saber prático ou um intelectual orgânico, para produzir e efetuar o seu

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Cia. das Letras, 2005, p. 20.

interesse. Entretanto, não podemos excluir todas as outras possibilidades. O intelectual orgânico, aqui, "usado" também usa a empresa para seus próprios interesses, inclusive para difundir sua própria imagem ou ideia. Fator importante na concepção de Brecht sobre a atitude criadora da arte, isto é, "primeiro vem o estômago, depois a moral".

É de diferentes modos como na vida pública, na arte e no resultado da produção que podemos perceber as nem sempre, singelas representações do intelectual. É por meio da obra teatral que também podemos ver como se dão algumas imagens e performances do intelectual, como lembra Edward Said: "os intelectuais são representativos não apenas de um movimento social subterrâneo ou de grande envergadura, mas também de um estilo de vida bastante peculiar, até irritante, e de um desempenho social que lhes é único."<sup>2</sup>

Na obra de Bertolt Brecht, muitos elementos podem contribuir para perceber como se dá as várias representações do intelectual. Quando dizemos que existe mais de uma representação, queremos demonstrar que de diferentes modos o intelectual age sobre as ocorrências sociais e de formas distintas ele pode expor suas mensagens. Para, além disso, o intelectual é, antes de qualquer coisa, um sujeito histórico, logo, suas ações são reflexos do contexto histórico e social no qual faz parte.

O retrato que Brecht faz do intelectual será, nas próximas linhas, nosso principal desafio, pois, trata-se de uma parcial biografia do físico Galileu Galilei, um sujeito que enfrentou e sofreu com as imposições sociais de seu tempo. A peça está ambientada no século XVII. Num primeiro momento Galileu está vivendo em Pádua onde tinha certa liberdade para pesquisar, contudo, com baixo salário. Para resolver essa problemática, encontra-se obrigado a dar aulas, logo, diminuindo o tempo para suas preciosas pesquisas.

Em um momento fortuito, Galileu se apropria da ideia de um instrumento que lhe permita enxergar cinco vezes mais longe, trata-se de uma luneta ou telescópio. O físico italiano passa impressão de inventor desse instrumento, garantindo-lhe honras na República de Florença.

Suas novas observações proporciona a defesa da tese de Copérnico, que apresenta um sistema solar no qual a Terra gira entorno do Sol e não ao contrário, como se acreditava na teoria de Ptolomeu, amplamente utilizada e defendida pela Igreja. Galileu é pressionado a desistir dessa ideia. Porém, com a oportunidade de ter um papa que

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Ibidem, p. 28.

desfruta de ideias científicas, Galileu volta-se novamente a sua grande inquietação, que é pesquisar sobre os movimentos celestes.

Contudo, o papa é pressionado a conduzir ao perjúrio a teoria de Galileu e inquiri-lo como um herege. Julgado e sentenciado, Galileu desfrutou de uma prisão domiciliar por vários anos. Negando a verdade que sabia, o físico perde de seus discípulos e, inclusive, de si próprio à admiração.

A peça termina com Galileu vivendo num regime de semiprisão e vigilância constante, enquanto recebe a visita de seu antigo aluno Andrea Sarti. Este foge da Itália levando o livro de Galileu na esperança de difundi-lo.

O conflito de Galileu com as instituições universitária e religiosa é revestido por profundas discussões acerca do papel e da conduta intelectual frente aos processos históricos, como: financeiro, ideológico, condições de pesquisa, estratégias de sobrevivência, relações pessoais e profissionais.

Em vários momentos, e talvez como uma das ideias centrais da peça "A Vida de Galileu", Brecht levanta à problemática da verdade inquestionada, a verdade que faz parte da vida cotidiana das pessoas simples e que sequer é questionada, enfim, a verdade de que existem pessoas com mais privilégios do que os outros; de que são poucos no comando da sociedade e por isso passam a impressão de que são diferentes. O discurso profundo e arraigado em uma sociedade de classe dominante sobre outras dominadas.

#### **GALILEU**

Pois onde a fé teve mil anos de assento, sentou-se agora a dúvida. Todo mundo diz: é, está nos livros - , mas agora nós queremos ver com nossos próprios olhos.

As verdades mais consagradas são tratadas sem cerimônia; o que era indubitável, agora é posto em dúvida. Em consequência, formou-se um vento que levanta as batinas brocadas dos príncipes e prelados, põe à mostra pernas gordas e pernas de palito, pernas como nossas pernas. Mostrou-se que os céus estavam vazios, o que causou uma alegre gargalhada.<sup>3</sup>

Neste trecho, o dramaturgo propõe, logo no primeiro ato da peça, apresentar a sua tese: a dúvida é a ferramenta na qual o povo utilizará para se desprender das correntes que tanto lhes privam da liberdade de escolha e da igualdade perante os outros homens.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> BRECHT, Bertolt. **A vida de Galileu**. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1977, p. 15.

A física, sendo a área de domínio de Galileu, será a difusora desse processo. Por meio da dúvida, o intelectual tenta destronar o que mantinha as pessoas alienadas. Na fé não se pede para questionar e sim para acreditar no que acontece ou o que pode acontecer. Para a personagem é o momento de livrar a sociedade dessas amarras e condicionar a dúvida sobre aqueles que os aliena, que os transformam em subjugados. Demostra-se um ceticismo avassalador, no qual destrona classes, reis, santos homens e, principalmente tradições, contudo, o intelectual é extremamente dependente, como demonstra Brecht, de certas classes e tradições. O equilíbrio entre sobreviver e criticar é o segredo desde o primeiro momento da obra.

#### **GALILEU**

E a Terra rola alegremente em volta do Sol, e as mercadoras de peixe, os comerciantes, os príncipes e os cardeais, e mesmo o papa, rolam com ela. Uma noite bastou para que o universo perdesse o seu ponto central; na manhã seguinte, tinha uma infinidade deles. De modo que agora qualquer um pode ser visto como centro, ou nenhum. Subitamente há muito lugar. Nossos navios viajam longe. As nossas estrelas giram no espaço longínquo, e mesmo no jogo de xadrez, agora a torre atravessa o tabuleiro de lado a lado. Como diz o poeta: "Ó manhã dos inícios!..."<sup>4</sup>

O discurso foi desconstruído, o centro das atenções não é mais as poucas pessoas de muitos privilégios; não é mais a instituição religiosa que se coloca como detentora e defensora do saber único. A dúvida é feita e as pessoas alertadas; o trono de São Pedro não está no centro do Universo. Trechos como: "Em consequência, formou-se um vento que levanta as batinas brocadas dos príncipes e prelados, põe à mostra pernas gordas e pernas de palito, pernas como nossas pernas" e "E a Terra rola alegremente em volta do Sol, e as mercadoras de peixe, os comerciantes, os príncipes e os cardeais, e mesmo o papa, rolam com ela" passa a ideia de uma possível forma de ver o novo mundo. Novo, pois, no antigo (ptolomaica) existia um ponto único, no qual Deus observava. A figura divina no texto, produzido no século XX, representa a legitimação de poderes a certas classes sociais, pode-se facilmente, substituir esse espírito pelo do patriotismo.

A personagem reclama para a sociedade todas essas maravilhas, porém, será um longo processo até que a verdade indubitável seja questionada. O que podemos perceber é que Galileu, tenta emitir uma mensagem por meio de sua área de conhecimento, que tange concepções universais como a liberdade e a igualdade. Para longe de uma separação

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Ibidem, p. 16.

entre sua área e a sociedade, Galileu propõe que elas andem de mãos dadas, pois, se não o fizessem, qual seria a função da ciência na sociedade? Brecht não suspende a perspectiva de Sartre ao propor que o intelectual é alguém que se mete onde não é chamado. Mesmo que a luta de Galileu seja por uma nova teoria astronômica, é imprescindível que a sociedade reconheça a mesma, caso contrário, não importa, como também não altera a forma da sociedade se reconhecer. Vejamos, a forma de ver e construir a sociedade está correlacionado, principalmente, com a cultura, na medida que ela é, ao mesmo tempo, significado e significante, por tanto, reconhecer uma nova forma de entender o universo é também reconhecer se como parte dele.

Quando Brecht trás para frente do palco a concepção de uma ciência correspondente à sociedade e todo um processo sofrido entre "técnicos do saber prático", como chama Sartre, na realidade ele está propondo uma crítica reflexiva às pessoas que não pensam dessa forma. Pois o fato de se pensar e de se produzir conhecimento sem correlacionar com a sociedade pode ou não servir de ajuda para acentuar as dificuldades do homem na terra e não o contrário.

No penúltimo ato da peça, Galileu, num debate com Sarti, que fora um de seus alunos e filho da governanta, relaciona o homem e a ciência.

### **ANDREA**

O medo da morte é humano. Fraquezas humanas não têm nada a ver com a ciência.

# **GALILEU**

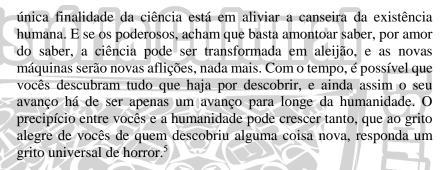
Não! Meu caro Sarti, mesmo em meu estado presente ainda me sinto capaz de lhe dar algumas indicações relativas a várias coisas que têm tudo a ver com a ciência, com a qual o senhor se comprometeu.

Galileu, já velho e quase cego, tentar ensinar algumas coisas sobre ciência para Andrea Sarti, que agora, no final da peça, também é um professor e físico.

(Uma pequena pausa.)

#### **GALILEU**

Em minhas horas de lazer, que são muitas, repassei o meu caso, e pensei sobre o juízo que o mundo da ciência — de que eu mesmo não me considero mais parte — deverá fazer a respeito. Mesmo um mercador de lã, afora comprar barato e vender caro, tem que pensar noutras coisas também: nas providências para que o comércio de lã corra sem empecilhos. A prática da ciência me parece exigir notável coragem, desse ponto de vista. Ela negocia com o saber obtido através da dúvida. Arranjando saber, a respeito de tudo e para todos, ela procura fazer com que todos duvidem. [...] Vocês trabalham para quê? Eu sustento que a



A mensagem é clara. A ciência que é controlada pelos poderosos e que não pensa em mais nada além de produzir "saber, por amor do saber" pode ser a ferramenta de tortura e horror para o resto da sociedade. Brecht, vivendo seus "tempos sombrios", percebeu a gravidade de desdobramentos na história que, por contribuição da ciência, mudaram geopoliticamente a sociedade: Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa, quebra da bolsa de Nova York, surgimento do nazismo e fascismo, a Segunda Guerra Mundial, o pacto entre Hitler e Stálin, divisão do mundo entre E.U.A e União Soviética, e por fim o machartismo americano. Todos esses eventos constroem e desconstroem ideias reflexões, esperanças e sonhos.

A crítica não está, simplesmente, na produção científica, está, intimamente, ligada a uma produção desconectada do resto da sociedade. Uma ciência que não pensa nas providências necessárias para que ela continue funcionando de acordo com o alívio da canseira humana.

Pensando a personagem: o que Galileu nos apresenta de característica pessoal até agora? Algumas questões são importantes. Primeiro, é conhecedor de um saber prático. Segundo, é questionador da própria profissão. Terceiro, compreende que a única finalidade da ciência está ligada a questões de ordem universais, como: liberdade, igualdade e ética. Por fim, o intelectual está ligado à massa da sociedade, pensando nos resultados de suas experiências como auxílio para ela.

Segundo Edward Said, todas essas características que Brecht dota em Galileu, são partes de um intelectual; pessoa que por meio de um saber e um reconhecimento social que possui, emite uma mensagem para a sociedade, principalmente de alerta. Antes de qualquer coisa, cabe ressaltar que Galileu não representa o cientista do século XVII, mas sim o intelectual orgânico do século XX. Por isso, depois da ideia concebida por

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> BRECHT, Bertolt. **A vida de Galileu**. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1977, p. 224-225.

Antonio Gramsci, de que todos os homens são intelectuais, porém nem todos exercem na sociedade tal função, Said irá discutir outra definição de intelectual.

Na ótica de Julien Benda, o intelectual é um grupo mais seleto que, extremamente notório, constitui a consciência da humanidade. Seus exemplos são: Jesus Cristo, Voltaire, Sócrates, entre outros. Os intelectuais de Benda estão, não apenas, movidos de objetivos práticos ou por metafísica, como também dispostos a correr o risco por suas palavras e denúncias. Said afirma que para Benda: "[...] Os verdadeiros intelectuais constituem uma clerezia, são criaturas de fato muito raras, uma vez que defendem padrões eternos de verdade e justiça que não são precisamente deste mundo. [...]"6

E completa dizendo que os verdadeiros intelectuais, são:

aqueles cuja atividade não é essencialmente a busca de objetivos práticos, ou seja, todos os que procuram sua satisfação no exercício de uma arte ou ciência ou da especulação metafísica, em suam, na posse de vantagens não materiais, daí de certo modo dizerem: 'Meu reino não é deste mundo'<sup>7</sup>

Benda acredita num intelectual dotado de atitudes que são mais do que apreciados pela sociedade, são gestos generosos de pessoas em um nível acima dos demais e que se colocam como referência e perfeição, tanto é divino essa figura que um dos intelectuais citados por Julien, os cristãos acreditam ter subido ao céu de corpo e alma.

Ao contrário de seu raciocínio, Bertolt Brecht desenha nas várias páginas de "A Vida de Galileu" um intelectual oposto, preenchido de dúvidas, mortal, pecador e, sobretudo, humano, forjado de razões do conhecimento e da crítica social, o que condiz com os argumentos de Said:

Já afirmei várias vezes nestas conferências que, idealmente, o intelectual representa a emancipação e o esclarecimento, mas nunca como abstrações ou como deuses insensíveis e distantes a serem servidos. As representações do intelectual – o que ele representa e como essas idéias são representadas para uma audiência – estão sempre enlaçadas e devem permanecer como uma parte orgânica de uma experiência contínua da sociedade: a dos pobres, dos desfavorecidos, dos sem-voz, dos não representados, dos sem-poder. Estes são

SAID, Edward W. Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Cia. das Letras, 2005, p. 21.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Ibidem.

igualmente concretos e permanentes; não podem sobreviver se forem transfigurados e depois congelados em credos, declarações religiosas ou métodos profissionais.<sup>8</sup>

Para além de uma ideia de onipresente e onipotente que se atribui a todos que se representam como um Deus, fica para trás a premissa de inquestionável. Deus é inquestionável, a Igreja, sua representante é inquestionável, logo, suas vontades e ações permanecem fora de qualquer debate. O intelectual não é inquestionável, suas ações são passíveis de controvérsias.

Por vários momentos, alguns filósofos em grande debate sobre os movimentos celeste que Galileu provara, argumentam e colocam Aristóteles como divino, portanto, inquestionável. O mesmo que Benda, divinizar algo ou alguém é torná-lo irrepreensível.

# O FILÓSOFO

E mesmo sem considerar a possibilidade de tais estrelas, que ao nosso matemático (faz uma mensura em sua direção) parece duvidosa, eu gostaria de perguntar com toda a modéstia e como filósofo: seriam necessárias tais estrelas? *Divini Aristóteles universum...*<sup>9</sup>

Portanto, as representações do intelectual são na realidade os princípios pelos quais ele luta constantemente, procurando sempre um lugar para se manifestar a favor dos que não podem. A briga de Galileu na peça é sempre tratada com esse viés: desmistificar as verdades inabaladas, mostrar que pela dúvida podemos saber mais sobre nós mesmos e sobre as correntes que se mantem ligadas a discursos controladores e conservadores. Quando a ciência passar a sociedade o monopólio da dúvida, nenhuma verdade permanecerá sobre um trono.

Dois pontos podem ser destacados nessa fala de Said: o primeiro seria pensar na questão do intelectual como um deus e afastado, logo, distante da sociedade; o segundo estaria ligado a de um intelectual "como uma parte orgânica de uma experiência contínua da sociedade: a dos pobres, dos desfavorecidos, dos sem-voz, dos não representados, dos sem-poder". Estes dois pontos, levantam questões importantes para se compreender o tipo de ideia que se tinha do intelectual no século XX.

<sup>8</sup> SAID, Edward W. Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Cia. das Letras, 2005. p. 114

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> BRECHT, Bertolt. **A vida de Galileu**. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1977, p. 80.

Sobre tudo, existem mais duas concepções de representação do intelectual que são interessantes de se discutir nesse trabalho. Em um debate acalorado, Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty, traçaram duas perspectivas de intelectuais que, de certo modo, nos ajudará a entender um pouco mais do Galileu brechtiano. Interessante, primeiro, pelo fato de serem, criadas num tempo congruente ao do próprio Brecht; segundo, por serem antagônicas, de certo modo; e, terceiro, por se confrontarem publicamente, ou seja, por dividirem opiniões frente aos mesmos acontecimentos históricos.

Antes de traçar esse debate, é necessário dizer e lamentar que não é possível descrever, com o devido mérito, a atmosfera na qual essas duas figuras, Sartre e Ponty, estavam situados com poucas linhas, logo, tal descrição tentará ser clara e objetiva. <sup>10</sup>

O intelectual é um ser que deve atuar dentro, secularmente, tomando partido de acordo com os resultados, ou distante o bastante para enxergar o processo como um todo e assim emitir sua mensagem? Essa dúvida surge a partir de duas experiências que, por razões históricas, são postas em confronto.

Herdeiros de uma mesma premissa filosófica – a fenomenologia de Husserl e da filosofia da existência de Heidegger – Sartre e Merleau-Ponty irão se tornar opositores na concepção de engajamento intelectual. A circunstância que colocou a prova essa amizade foi a turbulenta época de 1950 e 1953. A França passava por uma crise colonial, trazendo vários debates políticos, principalmente em condenar os anticomunistas ou os comunistas.

É a bipolarização do mundo em URSS e E.U.A, que se configura como intervenções pelos dois lados, por todo o mundo para aumentar a influência política, é a proliferação cultural de jornais, revistas, manifestos políticos, mobilizações populares, e todo um engajamento intelectual a maneira do naturalista francês Emile Zola e Voltaire, como dirá Marilena Chauí<sup>11</sup>, que será, grosseiramente, a atmosfera de ruptura entre Sartre e Ponty. São notórias as dúvidas sobre uma experiência de engajamento num tempo histórico extremamente complexo.

Enfim, enquanto Sartre considera a consciência soberana aos fatos e eventos, podendo assim aceitar os seus apelos, Ponty parte da ideia de que a consciência está

Para mais informações sobre as circunstâncias da ruptura entre Sartre e Ponty. CHAUÍ, Marilena - Filosofia e engajamento: em torno das cartas de ruptura entre Merleau-Ponty e Sartrell. In: Dissenso, n1, 1997.

CHAUÍ, Marilena - —Filosofía e engajamento: em torno das cartas de ruptura entre Merleau-Ponty e Sartrell. In: *Dissenso*, n1, 1997.

relacionada a intercorporeidade e na intersubjetividade e por isso não se pode "dar o assentimento imediato e direto a todas as coisas, sem considera-los", pois "é preciso ser capaz de tomar distância para ser capaz de um engajamento verdadeiro, que é sempre também um engajamento na verdade".

# **CONCLUSÃO**

Brecht nos fornece uma experiência mútua desses dois caminhos na obra "A Vida de Galileu". Utilizando do raciocínio lógico construído na peça, é perceptível que Galileu está todo momento inserido nas problemáticas de suas descobertas e principalmente na dura e dolorosa luta contra o poder vigente, exceto pela passagem final onde a personagem se coloca fora do processo e acredita conseguir fazer uma leitura mais ampla de todo episódio decorrido até aquele momento, como se assemelha em Sartre e Ponty.

Dito isso, são treze atos que podemos perceber a tentativa, a desistência e a reflexão da personagem de acordo com as circunstâncias, restando apenas um ato na qual a personagem interrompe o fluxo dos acontecimentos e analisa de forma mais ampla todo o processo. Notemos que de forma separa, Brecht utiliza de duas premissas de representação do intelectual para compor seu trabalho, entretanto, essa ferramenta de análise, separação de atos e descrição das ações intelectuais desconectadas, só nos ajuda a perceber que tais representações são possíveis naquele contexto histórico, porém, não podemos descrever o Galileu brechtiano dessa forma, pois, ele é o resultado, proposital e deliberado, de todos os atos da obra. De outra forma, as representações do intelectual presentes na personagem Galileu são únicas e não a junção de duas perspectivas distintas.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios.** Tradução Denise Bottmann; posfácio Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BRECHT, Bertolt. A vida de Galileu. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1977.

CHAUÍ, Marilena - **—Filosofia e engajamento: em torno das cartas de ruptura entre Merleau-Ponty e Sartre**. In: *Dissenso*, n1, 1997.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (1932): Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: **Cadernos do Cárcere**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HOBSBAWN, ERIC J. Como mudar o mundo: Marx e o marxismo. Tradução Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. Trad. Sérgio Góes de Paula, apres. Francisco C. Weffort. São Paulo: Editora Ática, 1994.

